

No desfecho da Guerra de Espanha (Texto autobiográfico)

Excertos retirados de:

Óscar Lopes, *Jaime Cortesão*, Lisboa, Edições Arcádia, 1962, pp.130-1152.

“Por fonte seguríssima havíamos sabido, com seis dias de antecedência, que Barcelona estava condenada e teria de ser evacuada militarmente. Dois dias ainda nos apegámos com aferro à esperança duma resistência desesperada nas últimas linhas de defesa natural. Não obstante, de sobra sabíamos nós, J. de M. [Jaime de Morais] e eu, que todo o esforço eficaz era impossível. Pela mesma seguríssima fonte sabíamos, de ciência certa, que uma desesperada penúria de armamento pesava sobre o exército republicano. Essa escassez, enorme já em relação às simples espingardas e metralhadoras, tornava-se verdadeiramente aflitiva em relação à aviação e à artilharia”

“Com um handicap tal, um exército, por demais muito inferior em número, pode resistir uma ou duas semanas. Mas era fatal que, sob os ataques maciços da aviação e da artilharia, a hora da derrocada soasse. Acrescentemos que a retaguarda, exausta por dois anos e meio de privações, tornadas angustiosíssimas nos últimos meses, dava sinais de fadiga evidente. Metade da população, pelo menos, desejava, fosse como fosse, o fim da guerra.”

“Por volta do dia 22 palpava-se a consciência coletiva da catástrofe; e sentia-se que toda a gente se entregava surdamente ao despenhar da tragédia”.

“Uma personalidade eminentíssima aconselhou-nos a que transportássemos imediatamente as famílias para cerca da fronteira. Passou-se isto a 22 de Janeiro, pela tarde. Resolvemos então partir no dia seguinte. Resolução fácil de tomar, difícil de levar a cabo. O êxodo, em massa, começara. E todos os que restavam faziam caladamente os preparativos de partida. Os veículos de toda a espécie começavam a escassear. Quem, por acaso, dispunha dum automóvel, era assediado por dezenas de amigos ou conhecidos, que pediam aflitivamente um lugar. Adivinhava-se na turba esse movimento angustiado e precípito, que antecede as debandadas trágicas. Não faltavam, aliás, os sintomas visíveis da derrocada próxima. Nos dias 22 e 23 os bombardeamentos aéreos eram quase contínuos. Constantemente se ouviam o deflagrar espantoso das bombas e o latir enraivecido da artilharia antiaérea. Sobre a cidade passavam de contínuo esquadrilhas, cada vez mais numerosas, de aviões inimigos. Da cidade baixa, elevavam-se a cada passo as colunas de fogo e fumo espesso”

“Na manhã do dia 22, a minha casa, que era num dos pontos mais altos da cidade, estremecia violentamente sacudida; já não apenas pelos bombardeios aéreos, mas pelo trovejar da artilharia pesada inimiga, que se aproximava aceleradamente. Circulavam notícias de espanto: posições fundamentais tomadas; debandadas, em massa; ou, pelo contrário, de contra-ofensiva e vitórias impossíveis, cujo rumor apenas aumentava a ansiedade e a confusão.”

“À custa de esforços perseverantes e combinados, eu e J. de M. conseguimos dispor de dois pequenos automóveis, em que aliás não cabiam as duas famílias (3 + 8 pessoas, de entrada) e uma pequena camioneta coberta, mas em muito mau estado de funcionamento, para as bagagens. Como o espaço, apesar de tudo, era limitado; como na minha bagagem abundavam forçosamente os livros; e como tínhamos ainda a esperança de volver no dia seguinte para retirar o que ficasse, limitámo-nos a carregar o essencial (...). O acelerar dos acontecimentos não

nos deixou recuperar o que ficou, e os infortúnios duma viagem acidentadíssima reduziram ainda grandemente a parte que havíamos levado.

Sáímos na noite do dia 23 de Barcelona. De noite porque eram menores as probabilidades de sermos colhidos por algum bombardeio durante o caminho. Dirigimo-nos como primeira etapa a Centelhas. Aí havia outros portugueses e cerca da população habitava a família dos filhos de J. de M. (...) A viagem fez-se sem incidente de maior. Ficámos instalados na casa do Conde de Centelhas, com as comodidades compatíveis com a situação.”

“Felizmente, na previsão duma viagem demorada e em país cujos recursos estavam exauridos pela guerra e o bloqueio, havíamos levado connosco quase todos os géneros de que dispúnhamos: na sua maior parte leite condensado, latas de conserva de toda a espécie e legumes secos. (...) Uma nova circunstância vinha dificultar o problema dum seguro e próximo deslocamento em direção à fronteira. Cerca de Centelhas, havia vários portugueses, alguns dos quais tinham contraído matrimónio durante a guerra. E todos, acossados pelo perigo, desejavam abandonar a Catalunha, e não só compartilhar dos nossos meios de transporte, que já eram acrescidos com uma nova camioneta, como aproveitar quaisquer facilidades que pudéssemos obter das autoridades para sair de Espanha. (...) Acrescido o grupo com as pessoas de família de M. de M. [esposa de Jaime de Morais] e um dos *chauffeurs*, somavam, na noite de 24, cerca de 30 pessoas”.

“na noite de 24 para 25 pudemos escutar as notícias das operações, dadas sucessivamente por várias estações e convencer-nos assim, não só de que Barcelona estava irremediavelmente perdida, mas de que a tomada de Manresa e a primeira avançada da estrada de Vich punham em perigo imediato a região de que éramos hóspedes transitórios. Resolveu-se, pois, largar na madrugada do dia 25. Dispúnhamos nesse momento de dois carros ligeiros e duas camionetas”

“Duas das *novias* de dois portugueses, que tinham ocorrido ao bota-fora, soluçavam abraçadas aos *noivos*. Cá fora, no ar frio e na luz lívida da alva, ouviam-se os bombardeios próximos da aviação e o trovão prolongado da artilharia.”

“Já então a onda dos fugitivos formara catadupa. Veículos de toda a espécie, desde o automóvel de luxo e o autocarro até às modestas carretas rurais, puxadas por burros ou pelos braços dos proprietários, rolavam continuamente a sua carga humana entre mantas, colchões, montões de malas, caixas esventradas, farrapos. Era um perpassar contínuo de rostos lívidos – pobre gente, emagrecida pelas privações, agora amachucada pela desgraça, meio imersa entre os restos dos lares desfeitos – como *épaves* arrojadas incessantemente à costa por um mar em tormenta.”

“A Catalunha era Barcelona; e, caída esta, o resto não tardaria igualmente a cair. Estávamos a vinte e poucos quilómetros da fronteira (...). Soubemos (...) [a 27 de Janeiro] que o Col d’Arès não estava totalmente obstruído pela neve, isto é, que a travessia era possível, mas as autoridades militares haviam recebido ordem de se opor ao êxodo dos civis e militares que começavam a galgar a fronteira.

Uma ameaça estava então a desenhar-se. Na sua retirada as tropas começavam a ocupar as localidades próximas da fronteira. Os mantimentos escasseavam progressivamente. Já não tínhamos pão; e estávamos ameaçados de ficar sem moradia.”

“Encontrávamos as estradas invadidas pela avalanche dos fugitivos, na sua maior parte a pé, civis e militares de mistura, transportando bagagens miseráveis, as mulheres e as crianças extenuadas, caindo pelas valetas, numa torrente de desgraça confrangedora. A pequena cidade de Figueras, onde chegámos quase de noite, estava literalmente submergida pela invasão dos

fugitivos, de veículos de toda a espécie, de destroços espantosos de lares desfeitos. Custava abrir caminho por entre a multidão de pessoas e os montões de objectos. Mas a mesma desordem que se observava no interior – invadia os espíritos. Mais o que nunca nos convencemos, por certas visitas realizadas, que força alguma poderia sustentar a derrocada da Catalunha.”

“Do alto [do castelo de S. Fernando] o espetáculo era feérico e trágico. A estrada que levava à fronteira estava luminosamente desenhada pelos faróis de centenas de automóveis em fila, de alguns quilómetros, e que se dirigiam a França; nos campos à volta tudo eram fogueiras de acampamentos de acaso, onde os mais desgraçados iam passar a noite, sem abrigo.” (...) “a esse tempo, outro obstáculo nos ameaçava: a gasolina tornava-se escassíssima (...) Aliás não tardaram algumas horas que, no dia 28, postos de *contrôle* militar estabelecidos nas estradas começassem a requisitar todos os automóveis que não circulassem em serviço oficial (...). Nestas condições o problema de saída tornara-se extremamente difícil e tanto mais angustiante quanto se havia espalhado, no dia 28, o rumor de que o inimigo tinha alcançado e ultrapassado Vich. Neste suposto, a derrocada tornava-se vertiginosa.”

“informados pela rádio de que o desastre não era tamanho como certos rumores faziam crer, procurámos resolver, em Camprodun, junto das autoridades militares, o problema da nossa saída com autorização oficial, alegando a condição de estrangeiros e as dificuldades de alimentação em que nos encontrávamos, reduzidos já a rações de fome.

A esse tempo já o nosso grupo fora acrescido por vinte e dois indivíduos, portugueses, com as suas famílias.”

A licença concedida marcava taxativamente para fazer a viagem a noite de 29 para 30. (...) chovia copiosamente. Mas o prazo da autorização não admitia vacilações. Lá seguiu, pois, a caravana às quatro e meia da madrugada, sob a chuva implacável. A cada passo era forçoso parar, para fazer ler aos soldados do controle a autorização oficial. (...)

“Já então despontava a alva. A massa dos Pirenéus, coberta de neve, alargava-se até aos confins do horizonte. À beira da estrada, ou encosta abaixo, até às profundezas das ravinas, viam-se veículos de toda a espécie, derrubados, semidestruídos; muitos de rodas no ar e, à volta ou saindo pelas portadas, mantas, livros, malas, calçado, alimentos, num pandemónio desolador.

Entretanto a chuva não deixara de cair. Ou, antes, cessava a espaços, substituída pela neve. Os pobres viajantes das camionetas já iam alagados e, como eles, a maioria das bagagens. Transportavam-se as crianças para os carros fechados, que ficaram literalmente peçados com duas camadas de ocupantes, que se molestavam mutuamente até à tortura.”

“O horizonte tornara-se opaco e álgido. A fadiga acumulada, o enervamento produzido pelos contratempos e a demora da viagem, a debilidade e o depauperamento orgânico – deprimiam esmagadoramente os ânimos.”

“Não havia, pois, outro remédio senão buscar nalguma das poucas e pobres casas da montanha abrigo temporário. A neve caía interminavelmente. A fadiga, o regelo dos corpos encharcados, a incomodidade de posições forçadas e, finalmente, a fome, tornavam a situação intolerável (...). Os carros, pois, estancaram. Sem ordem prévia, toda a gente baixou. E cada um arrastando alguma pequena parte mais preciosa da bagagem, descemos a encosta, sob a bâtega da tormenta, patujando na lama, resvalando na neve, arrastando mantas ou malas pela íngreme e escorregadia trilha.

Uma das três pequenas casas do grupo (...) foi invadida pela turba desmantelada e angustiada (...). Éramos cinquenta naufragos, escorrendo água, tomados de aflição e desespero. Mas deu-

se o caso que, dentro, havia já mais de outros tantos refugiados (...) As duas outras [casas] próximas e mais pequenas estavam nas mesmas condições.”

“acumularam-se de súbito mais de 100 pessoas que a custo podiam mover-se, de pé, estrebuchando, chocando ao encontro às outras e tropeçando (...). O que ali se passou durante as primeiras horas foi indescritível de horroroso. M. J. de M. [esposa de Jaime de Moraes] foi atacada de uma congestão causada pelo frio e o esgotamento nervoso (...) entre o vociferar desesperado e semilouco dum centenar de pessoas.”

“Ouviam-se apelos, soluços, recriminações e insultos. Algumas mulheres acusavam-se mutuamente de furtos. Um semicírculo, negro e confuso, de gente encharcada e escorrendo lama estreitava-se, vociferava, debatia-se à volta do fogo, contra o qual estendiam pernas e calçados gotejantes. A confusão, a gritaria, a miséria geral e a pouca esperança de remédio pronto haviam levado a turba desemparrada a uma aflição alucinante.

Os próprios donos da casa, tomados de pânico, haviam-se refugiado num quarto interior, donde faziam uma que outra incursão, a meio da malta horrível que invadira a sala comum. Um dos filhos dos proprietários, já adulto, sofria dessa doença comum nas grandes altitudes: o cretinismo das montanhas. Tinha a cabeça e a gorja horrivelmente deformadas pelo bócio. O corpo, nodoso e torcido como um tronco, movia-se pesadamente sobre os tamancos, com as oscilações e os solavancos dum urso enlouquecido. De quando em quando irrompia na sala, de olhos abertos pelo espanto; procurava abrir caminho por entre a turba, soltando uivos sinistros; clamava e debatia-se com fúria contra os invasores, até que uma velha megera corria após, o espancava brutalmente, e o desgraçado era arrastado, sufocado por soluços roucos de besta batida e amordaçada.

Sobre este quadro, já de sai horroroso, pesava terrivelmente a inquietação moral quanto ao futuro mais próximo.”

“Sob o peso desta preocupação nos deitámos. Nos dois quartos livres (pagos por alto preço) desdobraram-se os colchões e aí se abrigaram oito pessoas por cada estreito compartimento (...) E, embora febril e paredes meias com o estábulo, donde vinha o cheiro morno e acre das vacas e do estrume, consolei-me com a ideia de que ao Redentor não fora dada melhor sorte, quando veio a este mundo de misérias. Outros a tiveram pior. Por cima do quarto ao lado dormia um grupo de mulheres refugiadas. Estas, por carência de vasos apropriados, sempre que de noite o necessitavam, vertiam águas sobre o chão de tábuas simples e mal ajustadas. Os pobres inquilinos de baixo, entre os quais uma senhora gravemente doente, passaram a noite, e mau grado os repetidos protestos, sob a molestíssima chuva.

Ao dia seguinte, por felicidade, fazia um sol esplêndido. (...) com o sol renascia a esperança e o projecto de uma próxima largada. Breve se reconheceu, todavia, que era praticamente impossível largar de novo nesse mesmo dia. (...) A partida marcou-se para o dia seguinte, às sete e meia da manhã (...) é difícil de imaginar a ansiedade com que se esperou a madrugada. As nossas esperanças não foram malogradas. O sol nasceu esplêndido.”

“Passada uma hora de viagem, e quando estávamos ainda a um bom quilómetro da fronteira, reconheceu-se que era impossível aos carros prosseguir, tão densa era a camada de neve acumulada. (...) Agora começavam a aparecer as dificuldades, e a maior das que se apresentava era o transporte de bagagens. Um acaso providencial forneceu a solução. Uma família de refugiados acabava de alcançar a fronteira num carro de bois, adrede alugado para esse fim. (...) tratou-se de convencer o carreiro catalão a transportar as bagagens a território francês. (...) convencido que foi (...) carregou-se, à custa de grandes esforços, a diminuta e desengonçada

caranguejola. Formavam uma pirâmide oscilante as numerosas bagagens e não foi pequeno trabalho fazer atravessar o carro de bois até à fronteira, sobre a neve e por entre o dédalo de veículos abandonados.”

“Ali, os traços da fuga desordenada, a imagem do pânico e do caos atingiam o cúmulo. Carros, malas, destroços de trajes, peças de calçado desemparelhado, livros, papéis, alimentos – amontoavam-se, abandonados sobre a estrada ou nos declives das ravinas, destacando sobre a infinita desolação da neve. Viam-se grupos de mulheres, de cabeça embiocada contra o frio, remexendo, debruçadas sobre os despojos da debandada trágica, à cata dos objetos mais valiosos.”

[Passada a fronteira e após uma pausa para alimentação] “a caravana pôs-se em marcha (...) atrás a pequena carreta de bois, com a sua desmesurada pirâmide. (...) Súbito ouviu-se atrás um coro de gritos angustiados. O carro de bois, solta a lança do jugo, despenhara-se com toda a carga pela ravina abaixo. Em cima restavam os bois e junto deles o grupo do carreiro e dos acompanhantes, gesticulando com desespero. Nos primeiros momentos assaltou-me uma aflição horrível. No fundo da imensa ravina, enterrados na neve, iam ficar os meus escassos bens, alguns salvos já de tantos naufrágios. Mas, mais do que nenhuns outros, me doíam os meus ficheiros, onde eu tinha acumulados os meus esforços de vinte anos de investigações e os meus livros mais preciosos, alguns deles instrumentos de trabalho fundamentais. Voltei atrás; tornei a subir a montanha, patujando com dificuldade na neve. Propunha-me a salvar eu próprio alguma, ainda que pequíssima, parte das minhas bagagens. (...) com a precipitação ou o cansaço, escorreguei e rolei pela despenhada vereda, magoando o corpo terrivelmente.”

“A tormenta e os contratemplos não pararam em França. Mas sobre esse novo capítulo manda a prudência ser discreto. A circunstância de chegarmos doentes permitiu que nos pudéssemos acolher a um hotel numa pequena vila, onde continuámos, buscando reaver a saúde do corpo e do espírito, tão abalados. Já o tempo traçou à nossa vista outros capítulos desta imensa catástrofe. Não têm faltado quadros de tragédia. Esperamos descrevê-los em momento de mais sossego.”